

O S T A P A J Ó

por

CURT NIMUENDAJÚ

HISTÓRICO: Quando Orellana, descendo o Amazonas em 1542, chegou às proximidades da foz do Rio Tapajós, foi a embarcação corajosamente atacada por duas flotilhas de canoas de índios que saíram de um braço do rio. Os espanhóis rebateram o ataque, mas um dos companheiros de Orellana morreu dentro de 24 horas, ferido por uma flecha envenenada. Orellana soube que estas terras na margem direita pertenciam ao cacique Chipayo (= Tapajó?). Houve ainda segundo ataque, no qual morreu o cacique; contudo Orellana preferiu continuar a viagem, encostado à margem esquerda, por ser esta menos povoada.

Só em 1626 chegou ao Rio Tapajós a primeira expedição portuguesa chefiada pelo capitão Pedro Teixeira, que tratou com os índios num lugar que talvez corresponda ao atual Alter do Chão. Os costumes menos bárbaros da tribo tinham, segundo êste oficial, a sua origem no tratamento com índios espanhóis dos quais os Tapajó se teriam ramificado. (Berredo: 226).

A tentativa feita por uma grande nau inglesa de estabelecer uma plantação de tabaco no baixo Tapajós fracassou. Os índios caíram de surpresa sôbre os estrangeiros que se achavam em terra, massacrando-os e obrigando a embarcação a retirar-se imediatamente (Acuña: 251. - Betendorf: 59). O fato deve ter ocorrido pouco antes de 1631, ano em que os Inglêses foram definitivamente obrigados a abandonar o Amazonas.

Em 1637 desceram dois irmãos leigos franciscanos com outro companheiro, restos da expedição fracassada de Juan de Palacios pelo Amazonas, e chegando aos "Rapajozes" foram por êstes completamente despojados, segundo Laureano de la Cruz (278),

enquanto pela relação de Texeyra parece evidente que foram bem recebidos.

Dois anos mais tarde (1639) foram os Tapajó subjugados pelo filho do governador do Pará, Bento Maciel Parente. D'Acuña relata a respeito que os portugueses, receiando as flechas envenenadas, por muito tempo tentaram debalde obter a submissão dos Tapajó por meios brandos. A conquista, porém, nunca foi completa porque queriam conduzir os índios para fora das suas terras. A atitude dos Tapajó para com os Portugueses, porém, tinha sido de franca amizade. Eles forneceram víveres à expedição de Texeira quando este em 1639 voltou de Quito e convidaram os portugueses a estabelecer-se em sua companhia. Entretanto, Bento Maciel reuniu todas as forças disponíveis em Desterro, perto da foz do Rio Parú. Apesar da promessa dada ao P. Acuña de adiar a ação até a chegada de novas ordens do Governador, ele atacou os Tapajó com o pretexto de que tinham planejado uma sublevação, em verdade, porém, para extorquir-lhes escravos. Postos diante da alternativa entre o extermínio e a submissão incondicional, os Tapajó optaram pela última, entregando aos Portugueses as suas temíveis flechas envenenadas. Logo Maciel mandou encurrular e guardar os desarmados enquanto os seus aliados índios saqueavam a aldeia violando as mulheres e filhas dos presos à vista deles. Finalmente os infelizes Tapajó prometeram, para reaver a sua liberdade, entregar aos portugueses os mil (!) escravos que estes exigiam. Mas como os seus escravos se tivessem evadido durante o ataque dos portugueses, conseguiram ajuntar apenas duzentos, vendo-se porisso forçados a entregar seus próprios filhos como escravos para satisfazer os seus algozes. (Acuña: 248).

Mais tarde os portugueses continuaram este processo, como consta da relação dos P.P. Franciscanos Laureano de la Cruz e Juan de Quincoces do ano de 1650. Já para evitar os ultrajes impostos pelos portugueses, que exigiam escravos, já para receber algum pagamento, os Tapajó indicavam qualquer tribu da vizinhança que lhes era hostil como sendo os "seus escravos fugidos", ajudando os Portugueses a assaltá-la e capturá-la. (S. 396). Assim, os Tapajó, para evitar a sua própria escravidão, tornaram-se escravizadores.

Depois de algumas visitas breves à aldeia dos Tapajó feitas pelos Jesuitas P.P. João Ribeiro e Gaspar Mesch, o P. Antonio Vieira designou para a sua conversão o P. João Felipe Betendorf em 1661. Com o pronto auxílio dos índios, este levantou uma igreja, origem da atual cidade de Santarém, traduziu o catecismo para a língua dos Tapajó e dos Urucucú, deixando-nos na sua Cronica

diversas informações interessantes sôbre os Tapajó, infelizmente sem as mencionadas provas linguísticas.

Outra breve descrição da tribo devemos ao ouvidor Maurício de Heriarte que um ano depois da fundação da missão viajou pelo Amazonas. Era então a aldeia dos Tapajó a mais populosa de todas as conhecidas.

Durante o grande levante dos Caboquena e Guanavena muitos índios abandonaram o lugar por medo dos rebeldes, sendo porém reconduzidos por Pedro da Costa Favella quando êste em 1664 empreendeu a sua expedição tristemente célebre contra os índios do Rio Urubú (Berredo: II. 191).

Em 1686 uma tropa de Tapajó e "Aruryucuzes" chefiada pelo capitão Orucurá aliou-se às forças do Capitão mór Hilario de Souza na guerra contra os Aroaquizes e Carapitenas.

Quando, trinta anos depois da sua fundação, o P. Betendorf tornou a visitar a missão estava êste povoado, a princípio tão populoso, completamente arruinado. Na colina, ao pé da qual se tinha transferido a aldeia, Manoel da Mata Falcão tinha construído um fortaleza. Os índios tinham sido carregados e ocupados em outros lugares. A igreja tinha desaparecido, e só uns cinco ou sete ranchos, espalhados e abandonados, ainda restavam. Betendorf mandou levantar uma capelinha de palha para nela dizer missa.

Em 1698 a missão melhorou outra vez um pouco graças aos esforços do jesuíta P. Manoel Rabello, que transferiu para ela novos índios trazidos das suas terras. Mas tão pouco pôde pô-los a salvo das violações pelos portugueses do forte. Porisso fundou um pouco mais rio acima, na margem esquerda do Tapajós, a missão dos índios Arapiuns (Arapiyú) de nome Cumarú, hoje Vila Franca, para onde transferiu os restos da tribo Tapajó junto com Comandys, Goanacuás, Marxagoaras, Apuatiás, Arapucús, Andiragoaris (= Maué do Andirá?) e outros (Moreira Pinto: I). Com isto parece que os Tapajó e Urucucú deixaram de existir como tribus.

Quando P. Betendorf, em fins dos 90 do século XVII, concluiu a sua Chronica, aquela aldeia tão populosa na foz do Tapajós, tanto como as numerosas aldeias de terra adentro, estavam completamente destruídas pela grande ganância dos moradores brancos. Pela última vez se encontra o nome das tribus Tapajós e Urucú na lista das tribus indígenas do Rio Tapajós dada por Ricardo Franco de Almeida e Serra em 1779. Martius achou que em 1820 os Tapajocôs estavam completamente extintos.

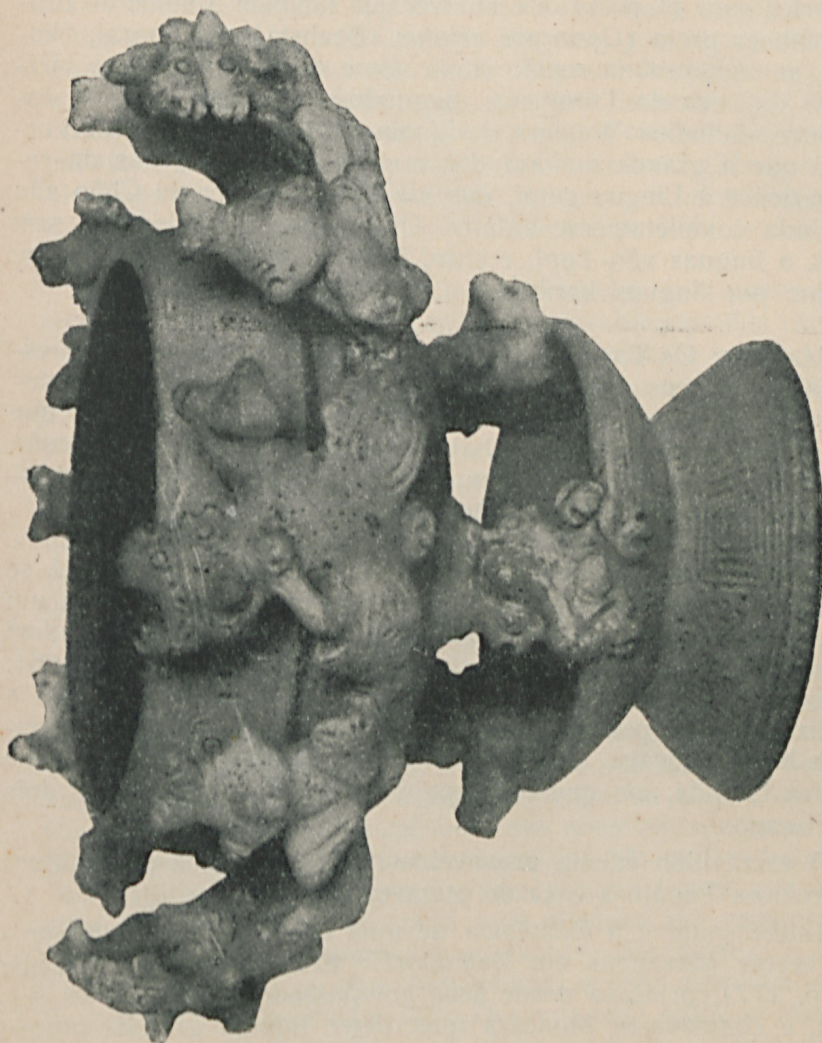
NOME: Talvez o nome do "cacique" Chipayo mencionado por P. Carvajal seja idêntico ao da nossa tribo. Os mapas mais anti-

gos trazem Topaio. Mais tarde aparecem formas como Topayos (P. Samuel Fritz), Rapajosos, Trapajosos (P. Laureano), Estrapajosos, Tapajotos e Tapajocos. Hartt (p. 14) escreve Tupaio, por ser esta a pronuncia dos habitates do lugar. Martius explica o nome Tapajocôs como "mergulhadores, os que trazem do fundo" (382), explicação esta que não me parece aceitável. O nome não tem sentido na lingua geral e pertence, como tantos outros nomes geográficos ao longo do Amazonas e da costa Norte do Brasil que apresentam o final em -jó e yú, a uma lingua hoje extinta que visivelmente dominava nessas regiões antes da expansão da lingua Tupí.

HABITAT: Històricamente documentados acham-se os Tapajó sòmente na boca do rio do seu nome e em Borary, hoje Alter do Chão, onde os jesuitas também fundaram uma missão, não sei bem em que ano. O P. Betendorf fala, porém, também de muitas aldeias pela terra dentro (35). Em conjunto com os Tapajó mencionam as fontes antigas uma outra tribu: os Urucucuzes de Betendorf, Aruyucuzes de Texeyra e Orucucuzes de Heriarte. Êste último os menciona tanto no Rio Tapajós como também no Amazonas, entre aquele e os Tupinambaranas (39). Talvez os Tapajó estivessem localizados da banda do Oriente e os Urucucú da banda do Poente da foz do Tapajós.

NÚMERO: A tribu parece ter sido muito numerosa. Já Orellana viu-se obrigado, pela densidade da população hostil na margem direita do Amazonas, a continuar a sua viagem pela margem oposta. Acuña fala numa aldeia de mais de 500 famílias, o que corresponderia a uma população total de mais ou menos 2.500 almas. Heriarte chama a aldeia maior de todas as conhecidas, podendo pôr em campo 60.000 arcas. Êste último algarismo, porém, ou representa um êrro de impressão, ou um enorme exagero, pois pressuporia uma população de uns 240.000. De fato, os vestígios do povoamento antigo induzem a uma população excepcionalmente numerosa.

LÍNGUA: Nenhuma das duas tribus na foz do Tapajós falava o Tupí. P. Betendorf, quando as visitou pela primeira vez em 1661, tratou com êles por meio de um intérprete, do qual êle, autor de livros na lingua geral, seguramente não teria tido necessidade se os índios falassem o Tupí. Depois, êle traduziu o catecismo para os diversos idiomas da nova missão "todos pelo da lingua geral, um era em lingua dos Tapajós, outro do Urucucús, que comumente entendiam, e com êste os ia ensinando e batizando". (168). Heriarte salienta que, ao contrário dos Tupinambaranas da Lingua



Peça característica da arte tapajônica (coleção do Museu Goeldi)

geral, os Orucucuzes e Condurizes (êstes do lado oposto, na margem esquerda do Amazonas) falavam línguas distintas. Da língua dos Tapajó só conhecemos três nomes próprios: o da tribo, o do chefe Orucurá e o do “diabo” (Heriarte: 36), Aura. Nenhum encontra explicação em Tupí. O último lembra o “awirá” (i postpalatal) com que os Aparai designam o urubú de cabeça vermelha (*Cathartes aura* (Linn.)), e é notável que também o nome do urubú de cabeça preta (*Coragyps atratus* (Bechst)) em Aparai, “kurumú”, se encontra na região como nome de uma serra nas vizinhanças da boca do Trombetas. Segundo de Goeje êstes dois nomes entre os índios Wayána designam pessoas mitológicas. Verdade é que a grande maioria dos nomes locais indígenas da região pertence à Língua geral, que até hoje em Alter do Chão não está ainda completamente extinta. Outros porém pertencem, sem dúvida, a línguas não-Tupí, e entre êstes se acham alguns que se explicam por línguas karibes.

CARÁTER: Os Tapajó eram uma tribo bastante aguerrida, respeitada pelos seus vizinhos e, a princípio também pelos portugueses. Corajosamente êles atacaram os primeiros brancos que invadiram os seus domínios debaixo do mando de Orellana. Acuña chama-os “gente de brio”. Para com os portugueses êles se mostravam amigos e confiantes (Acuña: 248).

ORGANIZAÇÃO SOCIAL: Segundo Heriarte (38), os Tapajó se dividiam em “ranchos” de 20-30 famílias. Cada rancho tinha um chefe, e todos um chefe geral, que era bem obedecido. Betendorf fala nos 5 chefes das diversas tribus que o receberam em 1661. Infelizmente, o termo “rancho” não é suficiente para esclarecer a organização, pois poder referir-se a simples casas coletivas e também a bandos locais. Texeyra tala de uma casa muito grande, de madeira lavrada, em que os Tapajó em 1637 receberam os dois Franciscanos.

A escravidão existia provavelmente já antes dos portugueses forçarem os Tapajó à caça de escravos.

Interessante é a existência de uma classe nobre, como provam certas passagens em Betendorf. “Era Maria Moacara, diz êle (p. 172), princesa desde seus antepassados, de todos os Tapajós, e chamava-se Moacara quer dizer fidalga grande, porque costumam os índios, além de seus príncipes, escolher uma mulher de maior nobreza, à qual consultam em tudo como um oráculo, seguindo-a em seu parecer”. A mãe desta Maria Moacara viu-se obrigada a permanecer viuva “porque não se achava outro que lhe fosse igual em nobreza”, o que entretanto não a impediu a ter um amante. Betendorf dá a êstes nobres o título de “cavaleiros”, distin-

guindo-os expressamente dos chefes (pág. 261). Em Guarani mboçacá significa "estimado".

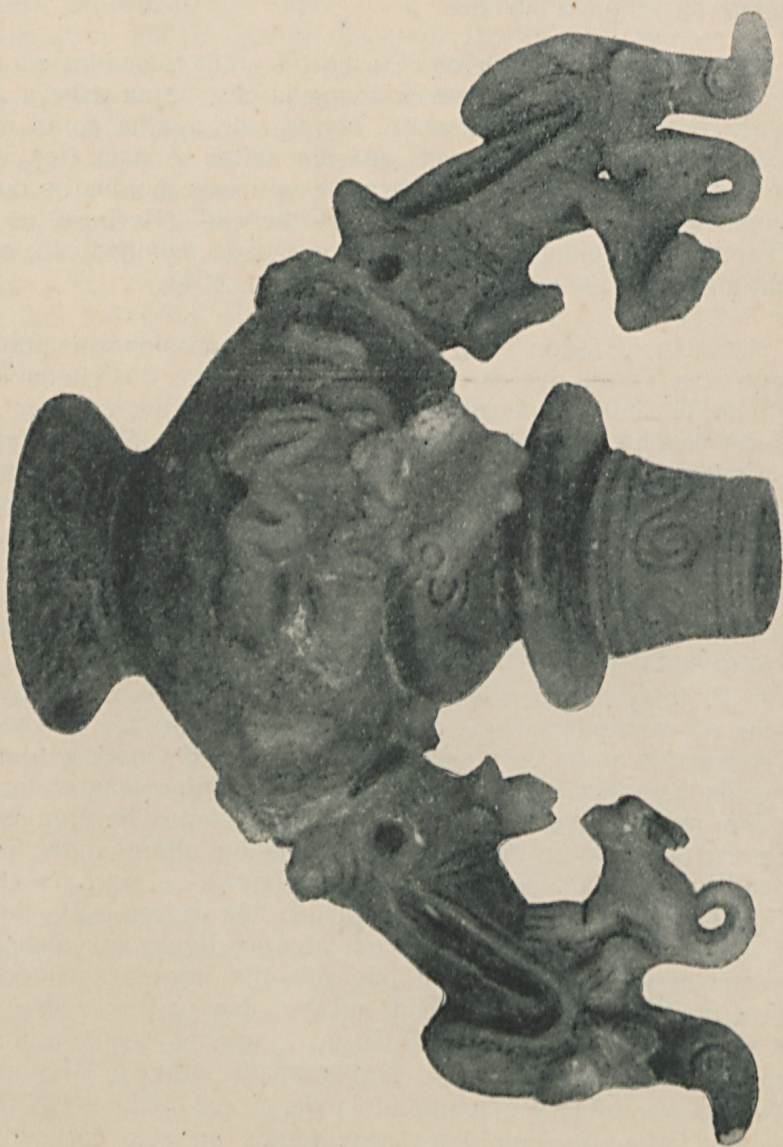
CASAMENTO: Segundo o P. Betendorf viviam os Tapajó em poligamia, punindo o adultério por parte da mulher com o afogamento da culpada no rio.

TRATAMENTO DOS MORTOS: Os mortos eram colocados em suas rêdes com todos os seus haveres aos seus pés, "e na cabeça a figura do Diabo feito a seu modo, lavrado de agulha como meia, e assim os põem em suas casas que têm feitas só para êles, onde estão a mirar e a consumir a carne; e os ossos moídos os botam em vinho, e seus parentes e mais povos o bebem" (Heriarte, p. 37). Os Tapajó conheciam pois algum processo de mumificação, como os antigos Maué, seus vizinhos. (Martius, p. 404).

RELIGIÃO: Grande foi a indignação dos missionários jesuitas quando observaram que os cadáveres mumificados dos chefes eram objeto de um culto especial. Betendorf conta de um cadaver mirrado que êles há longos anos veneravam como o seu Monhangarypy (= criador do princípio; Betendorf traduz: primeiro pai) honrando-o com dansas e ofertas. Estava colocado numa caixa, debaixo da cumieira de uma casa. O missionário P. Antonio Ferreira, que chegou ao Tapajós em 1682, mandou um noite incendiar esta casa, destruindo o santuário da tribu. Os índios, se bem que profundamente ofendidos, conservaram-se quietos, de medo dos cristãos que aprovaram a ação do missionário (Betendorf, p. 353).

O P. João Daniel relata (p. 478), sem citar nem o ano nem o nome do missionário, que existiam sete múmiás dos antepassados guardadas numa casa escondida no fundo da mata e sòmente conhecida dos anciães. "Em certo dia do ano ajuntaram-se os velhos com muito segredo, e de companhia iam fazer-lhe alguma rotagem, e vestiam de novo com bretanha ou algum outro pano, que cada um tinha". Na mesma casa achavam-se cinco "pedras" que igualmente eram objeto de veneração: "As pedras todas tinham sua dedicação e denominação, com alguma figura que denotava para que serviam. Uma era a que presidia aos casamentos..., outra a quem imploravam o bom sucesso dos partos; e assim as mais tinham todas as suas presidências e seus especiais cultos na adoração daqueles idolatras... Desenganado então o Missionário da sua pouca religião e muita idolatria, à sua vista e em praça pública mandou queimar êstes seus ídolos ou sete corpos mirrados, cujas cinzas juntamente com as pedras mandou deitar no meio do rio..." Heriarte (p. 36) fala dos ídolos pintados das tri-

Arte cerâmica dos índios Tapajó (coleção do Museu Goeldi)



bus do Rio Tapajós aos quais se oferecia tributo de milho e semente. Na noite de quinta-feira (?) fabricava-se destas ofertas bebidas; depois faziam soar na praça atrás da aldeia trombetas e atabales tristes e funestos, até que se manifestava um terremoto, ameaçando derrubar árvores e montes. Vinha então o Diabo e entrava num "corro" levantado para êle. A festa rematava com cantigas e dansas gerais. Betendorf também menciona êste "terreiro do diabo". Era na mata e conservado muito limpo. Para as dansas as mulheres levavam bebidas para lá. Depois se acoravam, cobrindo os olhos com as mãos para não ver, "então falando alguns dos seus feiticeiros com voz rouca e grossa lhes persuadiam que esta era a fala do Diabo que lhes punha na cabeça tudo o que queriam". O missionário proibiu aos índios essas reuniões e quando apesar disto tornaram a preparar o terreiro, mandou quebrar os vasos com as bebidas por um português. Existia ainda outro terreiro dentro da mesma aldeia, chamado de Mafoma pelos brancos, que o missionário interditou da mesma maneira (Betendorf: 170).

TRAJE: A julgar-se pelas representações cerâmicas, ambos os sexos andavam completamente nus. Usavam o cabelo cortado e partido ao meio e atado com uma faixa sôbre a testa cujas pontas se cruzavam atrás. Também se encontram representações de homens e mulheres que têm os cabelos em duas tranças caindo pelas costas abaixo. Frequentemente vê-se diademas e corôas mais complicadas. Nos lóbulos das orelhas usavam rodela de medianas dimensões, talvez de uma polegada, mais ou menos. Ligas nos tornozelos, são comuns pulseiras e peitorais mais raros.

ALIMENTAÇÃO: Quando a expedição de Pedro Texeira visitou os Tapajó em 1639, os índios lhe forneceram galinhas, patos, peixes e frutas (Acuña: 248). Segundo Texeira, êles ofereceram aos Franciscanos em 1637 peixe e beijús. O P. Betendorf às vezes se queixa da má qualidade da farinha dos Tapajó. Já fizemos menção das suas bebidas alcoólicas.

INDÚSTRIA: Os Tapajó dormiam em rêdes e negociavam com elas. (Betendorf: 172. - Heriarte: 37. - Acuña: 248). Segundo Heriarte, as tribus do Rio Tapajós fabricavam louças finas para a venda. Como outros artigos de comércio cita êle madeiras, urucú e "buraquitas" (muirakitãs), "e comumente se diz que estas pedras se lavram, neste rio dos Tapajós, de um barro verde que se cria debaixo da água, e debaixo dela fazem contas redondas e compridas, vasos para beber, assentos, pássaros, rãs e outras fi-

(1) V. a posição das cariátides em certos vasos sacrais!

guras; e, tirando-o feito debaixo da água, ao ar, se endurece o tal barro de tal maneira que fica convertido em duríssima pedra verde: e é o melhor contrato dêstes Índios e deles mui estimado”. As redes, segundo Texeyra, eram feitas “de palmito, labrada con diferentes colores”. O mesmo autor menciona que as madeiras lavradas da casa de recepção eram “colgadas con mantas de algodón entretejidas en ello hilos de diversas colores”. O P. Samuel Fritz cita os Tapajó como habeis tecedores de pequenos e chatos cestos de folhas de palmeira, tingidas de diversas côres.

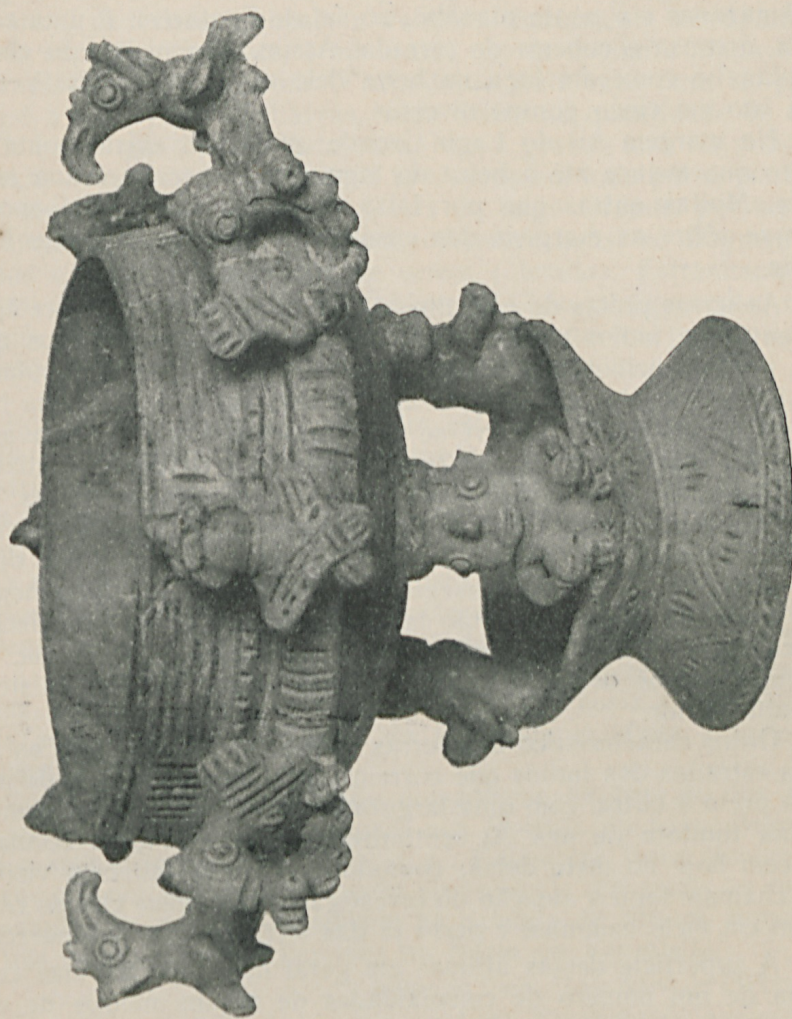
ARMAS: Os Tapajó eram célebres e temidos pelas suas flechas envenenadas. Correndo sangue, o ferido estava irremediavelmente perdido (Acuña: 248. - Heriarte: 35). Gaspar de Soria, da expedição de Orellana, morreu de uma flechada dentro de 24 horas. O veneno, portanto, não pode ter sido curare.

As flechas de peixe dos atuais descendentes dos Tapajó, civilizados, distinguem-se por uma emplumação radial, bem feita e bonita. As penas são curtas e aparadas, a amarração de fio de algodão do lado do recorte da flecha produz o efeito de um ornamento. O arco é chato pelo dado da corda e fortemente convexo pelo lado de fora. Que os antigo Tapajó sabiam aplicar veneno em comidas, para desfazer-se de pessoas prejudiciais, resulta de diversas passagens em Betendorf (p. 173, 341).

Os crânios dos inimigos mortos eram guardados como troféus, segundo Texeyra.

MORADAS ANTIGAS: 1870-1871 o Prof. C. F. Hartt estudou a geologia do Rio Tapajós. Tanto êle como o seu companheiro H. H. Smith, que voltou ao Tapajós em 1874, reconheceram as “terras pretas” da beira do planalto ao Sul de Santarém como antigas moradas de índios. Bastante estranho é que nem um nem outro teve conhecimento da maior terra preta de toda a zona: a de Santarém-Aldea, pois Smith afirma expressamente: “Poucas antiguidades têm se encontrado perto de Santarém, porém não há por lá terra preta e nem evidência de alguma aldeia extensa”. Dos tempos de Hartt data a “Coleção Rhome”, existente no Museu Nacional. Para um estudo acurado da cultura Tapajó êste material não é suficiente.

De 1923-1926 eu determinei 65 moradas antigas de índios em Santarém, ao sul desta cidade, na região de Alter do Chão e de Samahuma, no Arapixuna, na margem meridional do Lago Grande de Vila Franca, na margem direita do Amazonas, entre a boca daquele lago e a do Arapixuna, todas da cultura Tapajó. Contudo acredito que êsse número não representa ainda a metade sequer das jazidas daquela cultura existente na região.



Arte tapajônica (coleção do Museu Goeldi)

Com exceção das estações de pescaria, na margem setentrional do Lago Grande e na Ilha do Taperebá, ainda cobertas pela enchente quando lá passei, todas essas moradas antigas se acham em terra firme, ao abrigo da enchente, e a maioria até no alto das colinas ou do planalto.

Não existem terras pretas nem outros vestígios de índios na faixa da largura de uma légua que se estende entre a margem do Amazonas e o pé do planalto, ao sul de Santarém. É uma zona árida, arenosa e coberta de cerrado. Assim, porém, que se chega ao planalto começam logo na beira dele as terras pretas. Verifiquei isto em cinco pontos diversos.

Na margem sul do Lago Grande quasi não existe ponta de morro que avance até à beira do lago que não tenha a sua terra preta. Muitas outras que por falta de tempo não visitei encontram-se sôbre as margens das enseadas profundas que êste lago forma.

As terras pretas do planalto acham-se longe de qualquer água corrente. Os índios remediavam êste defeito cavando poços que, com poucos melhoramentos, até hoje fornecem água à população neo-brasileira. No poço do Marajá, situado no fundo de uma baía, ao pé da terra preta, vê-se distintamente a antiga excavação cilíndrica dos índios, tendo 2m. de diâmetro e fundura igual, e feita sôbre ela a excavação quadrada dos atuais moradores. Na terra preta do Açuzal, os índios, cavando o poço, deram em cima de uma camada inclinada de argila branca, extremamente dura, que provavelmente não conseguiram vencer com as ferramentas que possuíam. Cavaram então lateralmente, seguindo pelo declive da camada dura abaixo, até alcançar a fundura necessária. Eu mesmo vi cinco dêstes poços indígenas; mas o número existente é muito maior.

Outro característico das terras pretas do planalto são as antigas estradas dos índios que correm, quasi em linha reta, de uma terra preta à outra, com uma largura de um metro a metro e meio, e uma fundura de uns 30 centímetros. Grossas árvores seculares crescem hoje no meio delas; contudo, são ainda tão bem visíveis que chamam logo a atenção do investigador. Às vezes elas se ramificam em meio caminho, e perto já das terras pretas desaparecem.

A superfície destas últimas em geral não é plana, mas composta de um número de convexidades de alguns metros de diâmetro cada uma, representando, provavelmente, outros tantos lugares de casas.

Só conheço duas terras pretas que começam imediatamente na marca da enchente da beira do rio: a de Alter do Chão e a de Santarém-Aldea. Esta última é, sem comparação, a mais importante e a que forneceu material mais numeroso que todas as ou-

tras juntas. A sua espessura é em alguns pontos de quasi metro e meio. Sôbre ela está construida grande parte da atual cidade de Santarém, especialmente o bairro chamado Aldea, isto é, a Rua da Alegria e as travessas dela. Sobretudo nestas últimas, que apresentam forte declive para o lado do Tapajós, as enchurradas abrem frequentemente sulcos profundos, nos quais se encontram por toda parte os restos da cerâmica velha. Considerando que, há mais de 200 anos, pedestres, animais e veículos diariamente esmagam o que na superfície aparece, é admirável que se encontre ainda material relativamente tão bom. O achadouro mais importante do planalto é a terra preta de Lavras, onde existe tal quantidade de cacos de barro que dificulta a lavoura. Mas a grande maioria provém de peças lisas e os ornamentados são, como em toda parte, em número muito inferior. As terras pretas do Lago Grande, por serem geralmente de espessura diminuta, oferecem quasi só fragmentos miudos e raras vezes dignos de serem coletados. Estranhamente escasso é também o material de Alter do Chão, antigo centro dos Tapajó. Um achadouro de certa importancia, porém, parece existir em Aramanahy, pouco acima de Samahuma.

PONTOS DE CONTATO: Nenhum estilo cerâmico ou território brasileiro apresenta tantos elementos em comum com os estilos da parte meridional da América Central (Chiriquí, Darién) como o dos Tapajó. Tais são as cariátides assentadas sôbre um pé anular, os vasos tripodes, as figurinhas sentadas, os olhos em forma de \odot e de \ominus , o motivo "mão no rosto", rãs subindo pela parede exterior do vaso, etc. O caminho pelo qual chegou êste conjunto de elementos até a foz do Tapajós ainda não foi determinado, devido à grande falta de material proveniente das regiões intermediárias. Parece porém que não foi a via pela costa e pelo Amazonas acima, porque na região da foz dêste rio falta a maioria daqueles elementos.

Como geralmente nos estilos amazônicos, existem no dos Tapajó certos elementos que o ligam aos Mounds do baixo Mississippi e seus afluentes. Segundo H. C. Palmatary êsses elementos são em número de 12 a 20 (carta particular), dos quais os mais importantes se encontram também na camada de cultura superior das três que foram determinadas no Norte da Venezuela.

Belém do Pará, 12 de Abril de 1939.

CURT NIMUENDAJÚ.

LITERATURA ARQUEOLÓGICA

1. S. L.(INN)É, G. M.(ONTE) II: Fran Brasiliens Indianer i Forntid oc Nutid. — C. Nimuendajús Archeologiska och Etnografiska Forskningar. — Etnografiska Avdelningen. Göteborgs Museum. — Göteborg. 1925.

2. SIGVAD LINNÉ: Les recherches Archéologiques de Nimuendajú au Brésil. Journ. Soc. Américanistes de Paris. XX. Paris. 1928.
3. ERLAND NORDENSKIÖLD: Ars Americana. I. L'Archéologie du Bassin de l'Amazone. — Paris, 1930.
4. J. ALDEN MASON: Collections from Santarem. Bull. Penn. Univ. Mus., December, 1935. (Photos e descrição de alguma cerâmica de Santarém, Brasil).
5. HELEN CONSTANCE PALMATARY: The ceramic art of the Tapajós Indians and its relation to pottery designs in cultures to the North. A thesis in Anthropology. Presented to the faculty of the Graduate School of the University of Pennsylvania in partial fulfilling of the requirements for the degree of Master of Arts. 1936. (Manuscr.).
6. CURT NIMUENDAJÚ: Os Tapajó. Belem. 1938. (Manuscr.).